

A INFORMALIDADE NA PRODUÇÃO DA CACHAÇA NO MUNICÍPIO DE RIO POMBA, MG

Maria Angélica Alves da Silva e Souza¹
Douglas Mansur da Silva²
Maurício Novaes Souza³

Resumo

É no contexto rural que se concentra a grande parte da produção de cachaça do Brasil. Entretanto, 85% dos produtores familiares trabalham na informalidade, na ilegalidade das interdependências da produção, nas redes sociais formada pelos atores familiares e na comercialização da cachaça. A realidade brasileira mostra que os produtores auferem renda inferior aos atravessadores da cachaça, principalmente por falta de informação sobre o mercado, por não agregarem valor ao produto, pela ausência de incentivos do Estado e pelo desconhecimento da força das redes sociais que existem nesta forma de produção agrícola. No entanto, o que se observou quanto aos produtores familiares da cachaça do Município de Rio Pomba, MG, é a presença da informalidade no que se refere à produção - não há contratos ou divisões de trabalhos, mas sim uma parceria entre familiares e vizinhos. Pode-se considerar informalidade em outros parâmetros, quando a informalidade é baseada na concepção do princípio da reciprocidade. Apesar da existência de rede social, por meio dos contatos próximos e distantes dos atores entrevistados, pôde-se observar que são desarticulados e se voltam exclusivamente para as suas produções, distribuições e ampliação de mercados consumidores. Não percebem a importância das parcerias com outros produtores, apesar de todos entenderem que é uma excelente oportunidade de geração de renda. Desta forma, mantém a tradição e a informalidade na produção e comercialização da cachaça.

¹ Pedagoga-área no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais, Campus Rio Pomba – MG; Mestranda no Departamento de Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, MG. E-mail: maria.angelica.ifsudestemg.edu.br.

² Bach. em Ciências Sociais. Doutor Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ. E-mail: douglas.mansur@ufv.br. Pós-Doctor Antropologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

³ Engenheiro Agrônomo, Doutor DEA-UFV. Professor Titular Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais, Campus Rio Pomba, MG. mauricios.novaes@ifsudestemg.edu.br.

Palavras-chave: agricultura familiar, cachaça, informalidade, rede social.

INFORMALITY IN THE PRODUCTION OF CACHAÇA IN THE CITY OF RIO POMBA, MG

Abstract

It is in the rural context that concentra much of the production of cachaça in Brazil. However, 85% of family farmers working in the informal, the illegality of the interdependencies of production, social networks formed by family members and actors in the marketing of Brazilian cachaça. The reality shows that producers earn income below the middlemen of rum, mainly for lack of information on the market, not to add value to the product, lack of state incentives and the lack of strength of social networks that exist in this form of agricultural production. However, they observed about the family of rum producers in the city of Rio Pomba, MG, is the presence of informality in terms of production - no contracts or divisions of work, but a partnership between families and neighbors. It can be considered informality in other parameters, when informality is based on the concept of reciprocity. Despite the existence of social network, through the contacts close and distant actors interviewed, it was observed that are disjointed and turn exclusively for their production, distribution and expansion of consumer markets. They do not realize the importance of partnerships with other producers, despite all understand that it is an excellent opportunity to generate income. Thus, continues the tradition and informality in the production and sale of cachaça.

Key-words: cachaça, family agriculture, informality, social networks.

1. INTRODUÇÃO

"Eu tenho muito medo das pessoas confundirem informalidade com imoralidade. Porque uma vez você está produzindo uma coisa informal quer dizer que você só não está recolhendo... mas está produzindo uma coisa de qualidade. Tem uma forma de produzir que é imoral porque o cara está produzindo e quer que os outros se dane, quer se vire o mundo" (Família Dorna - DP).

A fala do produtor familiar da cachaça acima retratada nos possibilita a reflexão e o entendimento do receio e da insegurança do produtor familiar quanto ao tema abordado: a informalidade na produção da cachaça no município de Rio Pomba, MG. Para esse produtor, que mantém sua família e tem como fonte de renda exclusivamente a fabricação da

cachaça, percebe-se como se incomoda com a condição de estar sem o registro oficial de sua mercadoria e a importância que dá sobre a valorização de seu trabalho.

Para justificar tal questão, serão discutidas as teorias e as discussões observadas e coletadas no campo que tratam do tema em questão.

Na história do Brasil, a cachaça pode ser entendida como um produto rural, de modo de produção tradicional, desde a implantação dos plantios da cana-de-açúcar pelos portugueses, dos quais sucederam as implicações sociais de produção, comercialização e consumo (SILVA, 2008).

Hoje se percebe que a valorização cultural da cachaça passa por manifestações folclóricas e religiosas, nas diversas classes sociais, nos fatores econômicos, nos problemas sociais, representando, assim, um importante processo na construção da sociedade do Brasil. Desta forma, pode ser compreendida como um processo social em sua evolução histórica: nos dias atuais, está presente nos bares e restaurantes, tanto no espaço rural como no urbano.

Atualmente, a cachaça é produzida de forma industrial e artesanal. Segundo Campelo (2002), 85% dos produtores de cachaça mineiros trabalham na informalidade e na ilegalidade; ou seja, não possuem registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Desta forma, percebe-se a dificuldade dos produtores de cachaça em acompanhar as exigências de certificação e adequarem-se às normas e às legislações exigidas para a sua comercialização. Em parte tal fato se dá pelo número reduzido de políticas públicas e pelas insuficiências e ineficiências da assistência técnica, o que permite a entrada de atravessadores no processo de comercialização e provoca a redução do lucro dos produtores.

Recentemente, tem-se observado o incentivo concedido à agricultura familiar como política pública, que tem como proposta a consolidação da agricultura familiar como categoria, no reconhecimento dos sujeitos sociais rurais e em relação ao Estado. Entretanto, para Romano e Delgado (2002), será necessário ajustar as políticas públicas à realidade da agricultura familiar, viabilizar a infraestrutura rural e fortalecer o acesso de suas organizações ao mercado. Ou seja, o objetivo de programas com esse cunho deverão ser o de promover o desenvolvimento sustentável do campo pelos agricultores familiares, tendo o apoio para o aumento produtivo, geração de emprego e renda, melhoria da qualidade do emprego e de vida das famílias.

Contudo, há de se perceber a importância da compreensão da informalidade na produção de cachaça, creditando aos pequenos agricultores possibilidades de explorarem os atuais incentivos, motivados por bons preços praticados no mercado pela garrafa da boa cachaça. Uma forma utilizada visando agregação de valor ao produto, por exemplo, são os certificados de qualidade e os socioambientais, como o orgânico e, ou, de indicação geográfica. A cachaça produzida em Paraty, no Estado do Rio de

Janeiro, foi a primeira a conseguir o certificado de indicação geográfica como denominação de origem (Silva, 2008).

Observa-se, no entanto, que o estímulo aos produtores da cachaça dar-se-á a partir da possibilidade da visualização prática do uso adequado das leis e das redes implicadas na produção e na comercialização, atentando para o fato das forças das associações e pela forma da assistência técnica junto aos produtores. Percebe-se que a capacitação dos produtores e o acompanhamento da assistência técnica são fatores primordiais para o processo sustentável da produção, comercialização e consumo da cachaça.

Barnes (1987), em uma visão metodológica das redes sociais, entende que a política nacional se dá no funcionamento das instituições sociais em seus processos políticos. Esses processos se manifestam nos “níveis mais baixos, ou de nível local, ocorrem dentro de instituições que preenchem muitas funções que não são políticas”. Podem-se observar as noções de políticas nos meios acadêmicos, no esporte, na igreja e outras; ou seja, onde indivíduos e, ou, grupos encontram objetivos comuns para construir ações coletivas. Desta forma, entendem-se as redes formadas por indivíduos em sociedade, interligados por laços sociais geradas nos conflitos entre os atores envolvidos em um processo determinado.

Percebe-se, assim, a necessidade de se entender a informalidade que se dá nas interdependências da produção, nas redes sociais dos atores familiares, na produção e na comercialização da cachaça pelos produtores familiares que fabricam a bebida.

2. MÉTODO

No presente trabalho se buscou entender:

- Quais as relações que se dão por meio de uma possível/suposta afirmação da tradição e da geração de renda;
- Como se dá a informalidade na produção da cachaça;
- Como se estabelecem as redes sociais e quais suas implicações na informalidade da produção e comercialização da cachaça; e
- Quais são as exigências dos órgãos responsáveis pela legalização da cachaça e será que estas dificultam a busca da formalidade do mercado e estimulam a retração dos agricultores familiares na fabricação da bebida.

Para tanto, foi utilizado para embasar a pesquisa, como trabalho de campo, entrevistas e observação participante com os produtores de cachaça do município de Rio Pomba. A entrevista veio trazer fatos relevantes para a compreensão da “Informalidade e das Redes Sociais” junto a esses produtores.

Considerou-se para as análises de conteúdos as propostas de Minayo (2007). A autora considera dois aspectos fundamentais para o trabalho de campo da pesquisa qualitativa:

a) as análises e interpretação dos dados ocorrem durante todo o processo; e

b) pode ocorrer em pesquisa qualitativa, que ao chegar à fase de interpretação de sentidos, possa ter necessidade de retornar às fases anteriores.

Neste sentido, buscaram-se, neste estudo, as teorias conceituadas quanto a um estudo de campo detalhado e aprofundado em seus dados e nas categorias apresentadas por meio das entrevistas. Foram descritos e analisados os processos formais e informais existentes da produção de cachaça dos agricultores familiares do município de Rio Pomba.

Este trabalho se pautou em entrevista exploratória realizada, além dos produtores de cachaça, com os funcionários do Sindicato Rural de Rio Pomba; da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – (EMATER)³, e do Instituto Mineiro de Agropecuária de Rio Pomba (IMA). Além desses, comerciantes de bares da cidade; e sujeitos que surgiram no decorrer das entrevistas, dentre eles uma comerciante e produtora de cachaça de Juiz de Fora, a qual auxiliou nos entendimentos associativo e cooperativo. Assim, foi-se montando a rede social dos indivíduos envolvidos no processo de produção da cachaça.

3. RESULTADOS

Dada a complexidade das atividades rurais, dentre elas a produção da cachaça, quando se trata da informalidade, percebe-se a necessidade de se entender as formas de relações e interrelações construídas neste contexto - o rural. Para tanto, devem-se considerar o mercado, as práticas produtivas, os saberes e, fundamentalmente, as interligações sociais e tradicionais estabelecidas nas famílias produtoras da cachaça, considerando as heterogeneidade cultural, social e econômica das famílias envolvidas e observadas no presente trabalho.

³ No intuito de elaborar um texto que não cause constrangimento ou malefícios aos entrevistados, mesmo com todo o cuidado junto ao comitê de ética, a entrevistadora teve o cuidado de preservar os nomes reais dos sujeitos envolvidos nas entrevistas. Utilizou-se, para identificação, algumas letras, especificadas da seguinte forma: entrevistados - família Moenda: MP (Moenda/Proprietário), MF (Moenda/Filho), MN (Moenda/Neta), ME (Moenda/Esposa), MN (Moenda/Nora); família Dorna: DP (Dorna/Proprietário), DE (Dorna/Esposa); família Tonel: TP (Tonel/ex-proprietário), TE (Tonel/Esposa); TI (Tonel/Irmã); família Capelo: CP (Capelo/proprietária); instituições: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) IE1 e IE2, Sindicato Rural de Rio Pomba: ISR; Instituto Mineiro de Agropecuária de Rio Pomba: IMA - II; colaborador: antigo proprietário de alambique, hoje desativado (PB); comércio: C1, C2 e C3.

3.1. Informalidade e formalidade

Discute-se no Brasil, desde 1990, questões relacionadas à informalidade. Vem sendo considerada uma forma de flexibilização e aponta um problema quando se depara com padrões mínimos legais, não se formando um consenso dentro da ambiguidade formal/informal. Neste sentido, Noronha (2003) descreve que *informalidade* deve ser entendida quando comparado com *formalidade*, por meio da realidade existente em cada país e período, por meio de um contrato formal que rege neste local, município, região ou País.

Cunha (2006:220) descreve que o par de termos formalidade e informalidade, em sua forma prática, estão em conformidade quando são para compreender as perspectivas produtivas e contemporâneas para uma análise econômica ou política: “são modalidades que se jogam na confluência tensa entre, por um lado, a ação dos indivíduos na procura desse recurso e, por outro, a regulação de relações sociais por parte do Estado”. Esta dicotomia pode ser observada em algumas famílias entrevistadas quando estas se manifestavam:

“... para tentar registrar a cachaça e fazer parte da associação, meu avô já teve a cachaça registrada... fazia parte a certificação... depois deu baixa na firma... pois o rigor para registrar é muito grande, porque eles vão consertar uma coisinha e não registra, vai e volta... e não registra... meu pai diz que a maior bobeira foi dar baixa na firma da cachaça”.
(Família Moenda – MN);

“O problema da informalidade, hoje para o governo, a cachaça é considerada droga, cachaça é droga, o cigarro... tudo que tem álcool os imposto são altíssimo... sabe aquele selinho que vem em cima... a gente compra na Receita Federal... pela receita, como sou registrada tudo direitinho... sou registrada no ministério da agricultura, tudo direitinho...”.
(Família Capelo – CP).

As palavras transcritas dos entrevistados da Família Moenda (a neta) e da Família Capelo (a proprietária), nos proporcionaram uma constatação da teoria. A primeira nos demonstra a preocupação da família em estar regularizada junto aos órgãos certificadores, visando atender às exigências legais, mas que, às vezes, fica quase impossível para o produtor se adequar a todas as burocracias existentes, que acabam por abandonar e ficar na informalidade. Já a segunda fala, nos mostra a dificuldade da formalidade da cachaça, por esta ser considerada uma droga lícita, seu enquadramento para impostos são “pesados” em relação ao produto produzido; contudo, deixa clara a importância de estar registrada.

Neste mesmo sentido, um documento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (2003), segundo Carneiro e Henley (2002) *apud* Arbache (2003), descreve que a informalidade seria uma continuação do setor formal, não acontecendo segmentação no mercado. Dessa forma,

a informalidade se daria com a presença do indivíduo nas condições do trabalho flexível informal e nos altos custos dos contratos dos trabalhos formais, causando, desta forma, uma redução da pobreza e a inclusão de trabalhadores ao mercado.

“O registro indica que você está na formalidade.. tenho que pagar a tampa... pago o ICMS... imposto cascata. Tenho que tirar o custo da cachaça, tampa, rótulo e contra rótulo tudo eu pago ICMS. O microempresário não paga imposto, quem paga sou eu ele me joga isso se eu preciso daquilo eu compro (imposto em cascata); (Família Capelo – CP);

“... para você registrar... o custo mesmo é de uma grande empresa... o dia que pedi o registro no MAPA, e essa firma não pode ser microempresa, um pôs a cachaça como produto industrial porque ela tem IPI... como você vai montar uma firma e ter um técnico de química como responsável... no frigar dos ovos você tem que contar com o que sobra... é muita despesa... está ficando fora do limite... um pequeno produtor vai ter que largar” (Família Dorna - DP).

Ao continuar com a fala dos entrevistados, pode-se considerar que seria interessante o que propõe a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em relação a não segmentação do mercado, para que o sujeito se inseria no trabalho flexível formal. No entanto, na fala dos entrevistados, percebe-se que na produção da cachaça se pagam impostos altos e em cascata, sendo que na maioria das vezes o produtor tem que se adequar às condições impostas pelo mercado, pois necessita da mercadoria comprada para continuar sua produção. Mesmo na segunda fala, pôde-se verificar como os encargos são excessivos, o produto é sobretaxado deixando o pequeno produtor sem opção.

Entende-se por trabalho formal no país, sob a perspectiva jurídica, aqueles em que os trabalhadores têm acesso à carteira de trabalho assinada. Noronha (2003) descreve que as referências contratuais da informalidade são avaliadas como ilegais, como os trabalhos familiares ou estatuto legal que está sempre em disputa, citando como exemplo as cooperativas ou contratos de terceirizados, considerando a informalidade um fato linear, mensurável e objetivo. Pondera o autor que o conceito de informalidade deve ser discutido de forma da diversidade de tipos contratuais e suas formas de classificação. Segundo esse mesmo autor, o contrato tem na economia uma conotação de eficiência, no direito de reconhecimento legais e nos contratos populares sendo compreendidos como justos.

Das famílias entrevistadas, três não possuem registro; ou seja, certificação junto aos órgãos reguladores que é o Ministério da Agricultura e Pesquisa Agropecuária (MAPA) e a Receita Federal. Somente a Família Capelo, que é de outro município (Juiz de Fora), encontra-se dentro das exigências descritas nas formas das Leis e exigência legal dos produtores

da cachaça. Igualmente, tem algumas restrições que não é acatada pela produtora “Capelo”.

“Reguladores são o MAPA e a Receita Federal... não é microempresa... cachaça não é micro... mandam o sindicato do alimento, do comércio... “chega” quatro sindicatos para eu pagar... PAGO NÃO... pago meio salário mínimo para um técnico químico... tenho que interar do meu bolso.. “Tenho um monte de amigos que saíram da associação e estão na informalidade...” (Família Capelo – CP);

“Não faço cachaça, eu faço o que sei fazer, se não concentrar não faço nada, tenho medo de ter problemas, tenho que ser profissional no que estou fazendo” (Família Dorna - DP).

Observa-se na fala do produtor da Família Dorna, que apesar de se sentir “profissional” no que produz, encontra-se receoso quanto ao futuro sem ter a legalização formal.

Em Cunha (2006), a separação do estatuto legal dos produtos se torna impertinentes quando não se tem uma compreensão dos fenômenos sociais. Tem de se considerar a abrangência histórica e cultural dos sujeitos, e recusar a ideia dos diferentes estatutos entre as várias formas de comércio ilegal, estando relacionadas, em sua maioria, com a vida social e com as práticas culturais.

Estão explícitas nas falas dos entrevistados que seguirão, as relações entre as práticas dos produtores e compradores da cachaça. Estes se mostram informais na forma de comercializar, quando os compradores não se preocupam com a qualidade do produto que irão vender e os fabricantes não têm o cuidado com uma embalagem adequada ou o registro. No entanto, as famílias, isoladamente, comercializam seus produtos em feiras populares como forma possível de gerar renda e divulgação de seu produto. O modo sincero e livre de comentar o fato, pelos produtores, nos leva a perceber que são formas normais e corriqueiras em suas práticas comerciais e culturais.

“... principalmente vende mais no restaurante, vende em garrafão “pet” e litro, depende que as pessoas encomendam... lá tem uma quantidade que dá para engarrafar em garrafa “pet” na minha mãe... meu pai em cada 3 em 3 dias leva para Rio Pomba, restaurante, os comerciantes preferem “comprar” mais barata, tem amigos do meu pai que compra para beber do meu pai, mas para vender, “compra” outras mais baratas” (Família Moenda – MN);

“Aqui a gente produz um pouquinho de fumo... a gente trabalha na feira de produtos naturais em Juiz Fora... saímos às 2 da manhã e chegamos às 6 da noite... levo doce de leite, de frutas, a cachaça... até quando não tiver uma pessoa lá olhar isso e me tomar ela”. (Família Moenda – MP);

“Não tinha função determinada se tivesse folgado... fazia a parte da cana... na hora de fazer cachaça também... aonde precisava a turma a gente ia... não tinha divisão de dinheiro... na época forte, todo dinheiro que sobrava estava lá... pegava a quantidade que precisava e estava lá... na época em que plantava horta era mais difícil... depois começou acumular muito serviço, “né”?” (Família Tonel - TP).

Percebe-se, também, as informalidades em relação a outros produtos e aos riscos quanto ao controle da vigilância. As formas informais na produção e distribuição de renda, o que sugere é que todos são um, mas há de se considerar que quando os membros da “Família Tonel” começaram a se casar, houve uma grande mudança e ruptura familiar.

Em artigo intitulado “Diagnóstico da Produção de Cachaça na Região de Orizona, Estado de Goiás, Brasil”, Caliar *et al.* (2009) descrevem que em dezesseis (16) alambiques existentes no município de Orizona, 76% são mão-de-obra familiar e por colaboradores nas safras, com somente 28% de trabalhadores permanentes. Ou seja, proporciona empregos diretos e temporários, sem trabalhadores especializados. Esse mesmo autor assinala que a dificuldade da produção da cachaça neste local, dá-se no mercado, no conhecimento da tecnologia, na mão-de-obra e na falta de recursos para a produção. Constata-se, desta forma, a informalidade existente nesta produção, mas a grande rede que se forma para a produção deste produto - a cachaça.

As falas dos produtores de cachaça de Rio Pomba vieram de encontro com os mesmos desafios enfrentados pelos produtores da Região de Orizona/GO:

“Eu acho que a certificação hoje é o mínimo possível. Se o produtor conseguir um pouquinho... o produtor é um empresário que gosta do que faz... só que ele é um pouco engessado... ele não tem estrada, ele tem pouco estudo, ele tem muito medo de sair e não dar certo... de uma coisa de fazer e não funcionar a certificação. É o mínimo possível, o produtor hoje é um empresário que gosta do que faz” (Família Dorna - DP);

“... Aqui tem muita luta, muita garra... eu dizia a MP... não faça mais cachaça... mas trocava o dinheiro por medicamento... minha irmã dizia sempre para parar desta porcaria. Mas o pai dele fez, o MF já está fazendo... mas é muita luta... Se não é a garra da família não vai não... nós que já estamos com 50 anos” (Família Moenda – ME);

“Antônio Viera, meu avô, passou para o meu pai.... a data é de 1893, esse alambique foi fabricado, antes dele tinha outro... ele é outro do mesmo tamanho, do mesmo sistema o que era, sem perder o que era, sem perder a origem. Antigamente o engenho era movido com cavalo... De 52 para cá, meu pai passou os animais para a roda d'água... a gente sempre faz um pouquinho da cachaça... Recentemente veio a... a... EMATER... com a ideia de cooperativa” (Família Moenda – MP).

Constata-se, desta forma, que os produtores, tanto de Goiás quanto de Minas Gerais, mais especificamente os do Município de Rio Pomba, têm séria dificuldade em conseguir pessoas com conhecimento no processo da produção. De uma forma bem marcante, como os produtores de cachaça das cidades citadas carregam o caráter tradicional, e como as transformações são lentas. Não que os entrevistados tenham se mostrado contra as tecnologias, pelo contrário, mas também não se adéquam o suficiente para buscar novos modelos de produções e formas diferenciadas de distribuição do produto cachaça.

Neste mesmo sentido, o Conselho Estadual de Política Agrícola (CEPA) e a Câmara Técnica de Cachaça de Alambique, elaboram um Plano Setorial da Cachaça de Alambique (2008) que trata da informalidade da cachaça como uma atividade secundária nas propriedades mineiras. Dos duzentos e trinta (230) milhões de litros produzidos nos alambiques mineiros, cem (100) milhões se encontram nas produções informais, gerando perdas para todos os envolvidos nesta atividade. No entanto, dentre as propostas de desenvolvimento do setor de produção da cachaça, a CEPA sugere que se deve realizar um diagnóstico “Enfoque Sistemático do Produto” (grifo do autor). Este enfoque propõe um “planejamento integrado da cadeia produtiva da cachaça, que é uma metodologia participativa, aplicável para a formulação de políticas e estratégias competitivas com o objetivo de promover o desenvolvimento” (*ibidem*).

Na perspectiva da relação de trabalho e da informalidade, de acordo com Lelis (2011), em “Territórios da informalidade: as diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa-MG”, para compreender as atividades informais, especialmente em espaços urbanos, há de se considerar “comércio informal, o perfil dos atores e as relações sócio-espaciais construídas no seu cotidiano”. Conclui que se devem conhecer as novas formas de organização do trabalho existentes no País.

Para essa mesma autora, os entendimentos sobre a informalidade gira em torno das novas e velhas concepções, compreendidas nas perspectivas de duas teorias: a) por meio da visão economicista, sendo determinadas nas ações dos sujeitos e de forma desigual; ou seja, trabalhadores que não estão no mercado formal da economia; b) sob o entendimento da informalidade na interligação dos sujeitos em suas relações sociais por meio do processo constituído nas atividades desenvolvidas, não visando somente o econômico, mas todas as formas culturais estabelecidas nestas interações, sendo essa uma corrente relacional, onde o individual e o coletivo estão além da estrutura social.

a) *“Rio Pomba e outros da Zona da Mata... eu queria pegar o produtor informal... porque ele não deixava eu vender... quem vai comprar minha cachaça seria uma cooperativa da Zona da Mata... vou ser presidente na abertura, daqui a 2 anos a gente muda”* (Família Capelo – CP);

b) *“... tudo é produzido na fazenda... às vezes a cana a gente colhe de vizinhos... tem um canavial... às vezes um vizinho oferece uma cana, troca em produtos... a produção da cachaça ele acompanha”.* (Família Moenda – MF);

b) *“... é a mão-de-obra hoje aqui e o único jeito foi manter uma cozinha forte... todo mundo almoça, todo mundo janta, todo mundo toma café da manhã, é o único diferencial dos vizinhos todos é uma cozinha forte... ela não deixa cozinha parada hora nenhuma... a gente vai desenvolvendo... a gente vai se adaptando a cada região, né?”* (Família Dorna - DP).

Considerando a especificidade de cada localidade, perceberam-se nos produtores de cachaça do município pesquisado, casos semelhantes aos relatados pelos autores citados nas relações do mercado. Contudo, fica presente nas falas, a dificuldade de se reunirem enquanto produtores comuns de um produto, mantendo-se isolados em suas fabricações e em seus “domínios locais”, contanto sempre com os familiares diretos e com os vizinhos mais próximos.

Neste mesmo sentido, Wanderley (2002) ao se referir às coordenações informais e formais em um enfoque na Sociologia Econômica, pondera que o mercado está formado por indivíduos que produzem bens e serviços de maneira interdependentes; no entanto, estas formas são baseadas em arranjos e princípios que orientam as atividades, e se propõem dicotômicas:

(...) relaciona os mecanismos informais de coordenação a acordos implícitos ou conhecimento tácito e regras não escritas em oposição à coordenação formal com base em regras explícitas de coordenação (Wanderley, 2002:30).

Desta forma, a autora compreende que um dos aspectos principais da informalidade se dá na “confiança”, ao contrário das estabelecidas nos contratos escritos e formais das coordenações informal/formal. No entanto, a confiança se percebe nas normas sociais de obrigação e cooperação vivenciadas nas interligações entre os indivíduos, destacando destas relações as de oportunismo. “Confiança é um tipo de acordo tácito que está presente em um contexto social específico e que se transforma na base da coordenação das transações econômicas” (Wanderley, 2002:30).

Uma das categorias observadas entre as famílias entrevistadas foi a do “Conflito” e, por meio dela, a discussão de confiança/desconfiança. Quando se tratava do assunto associação ou cooperativismo as falas giravam da seguinte forma:

“... Troca de favores o tempo todo... minha casa funciona como uma prefeitura aqui em volta. E na seca eles me ajudam... Em volta, tudo que tem que resolver vem aqui...” (Família Dorna – DP). (Obs.: falando da relação entre vizinhos);

“Lá toda vida era assim... eu era o administrador... mas eu combinava tudo... ninguém me questionava... ninguém teve

reclamação do tempo que trabalhei lá... se sobrasse dinheiro tinha de fazer as despesas tudo... aí tinha que trabalhar muito para dar conta..." (Família Tonel - TP). (Obs.: Falando dos irmãos, da mesma família);

"Olha... o meu sistema é o seguinte... a cooperativa não tem dinheiro... então compra um de mil... na hora que vai lá tira três amostras... a gente vai analisar... eu não bebo, se todas tiver no mesmo padrão, aí a gente junta... a minha eu analiso duas vezes no CESAMA (na UFJF)... você acha que eles acham que está ajudando? Acham que está aborrecendo... eu vendo assim ... por que vou mudar? A minha é a melhor do mundo... mas o mercado é máfia... mas se passar a funcionar assim... todas vão ser boa... não sou egoísta de falar que só a minha é boa... se todos se respeitasse..." (Família Capelo - CP). (Obs.: Falando das desconfianças entre produtores).

Observam-se, nas questões acima levantadas, as relações de confiança/desconfiança nas famílias entrevistadas. Observou-se que, quando falavam de sua família consanguínea, não havia desconfiança - eles se juntavam e participavam da mesma ideia. No entanto, quando era para delegar alguma responsabilidade ou direção conjunta a outros que não fossem de sua família, havia desacordos: seja nos assuntos ligados à cooperativa, à distribuição, as técnicas dos outros, e até mesmo sobre assuntos banais.

Desta forma, fica uma observação importante com relação à dificuldade dos produtores de cachaça entrevistados, quanto à participação e à implantação de associação ou a formação de uma cooperativa. Este assunto leva a uma história acontecida entre os produtores de cachaça de Rio Pomba e da Zona da Mata.

Em tempos passados, houve a iniciativa de uma produtora da cachaça de Juiz de Fora (pertencente à Família Capelo), a intenção de agrupar os produtores de cachaça da Região da Zona da Mata para instituírem uma Cooperativa. Nas falas acima transcritas, pôde-se perceber que as desconfianças existentes nas transações foram o fator limitante para a organização dos produtores e a formação de uma cooperativa, sendo mais um dos fortes argumentos para a perpetuação da informalidade dos produtores de cachaça de Rio Pomba.

Essa percepção se dá por considerar os produtores de Rio Pomba como tradicionais em suas ações; ou seja, com receios de mudanças e sobrevalorizações de sua produção. Tal fato os leva a pensar em uma perda de identidade de seus produtos, "*Pegar a cachaça do outro você perde a identidade..."* (Família Dorna - DP)... caso esses fossem "misturados" a de outros produtores. Pôde-se perceber por intermédio da seguinte fala:

"A gente tinha uma pessoa da associação fora do comum... já tinha a clientela dela... ela vai preocupar com a cooperativa que não vai fazer um produto da qualidade dela (falando da CP - Família Capelo)... vender um produto mais barato

(desconfiança)... mesclado de produto de um... lá se vende um "blend"... todo mundo vai misturar..." (Família Dorna – DP);

"Não tenho a preocupação para quem deixar, mas tenho a preocupação do engenho funcionar bem, tem que aproveitar o que tem na mão" (Família Dorna – DP).

"Agregar os produtores na microrregião – "uns 20 produtores", vamos cair na dificuldade de Juiz de Fora (...) ficamos combinados de fazer um "blend"... Ficamos combinados de criar um e é a desconfiança do produtor. Vamos cair na desconfiança dos produtores... Lá na cooperativa ficou de pagar, uns podiam outros diziam que não podia (...) Se fosse uma coisa que se eu fizesse 2 litros de cachaça de acordo com os ministérios, mas uns fazem e outros não e acaba atrapalhando a de todos (...) A opção seria fazer a análise na entrega da cachaça e cada um receberia pela acidez da cachaça. Considerando que cada cachaça seria diferente da outra. Gerou desconfiança. A CP (Família Capelo – CP) tinha a cachaça dela registrada, agora com a Lei Seca, ela não está vendendo cachaça, até pensei em terceirizar com ela, isso topo fazer com qualquer um, sem ter a engarrafadora (Família Moenda - MF);

"A gente leva uma vida sadia, a gente é dono da vida da gente, se precisar sair a gente compensa depois e assim a gente vai levando..." (Família Moenda - MP).

Deste modo, apesar de observada nitidamente a informalidade no processo produtivo e de comercialização, ficou perceptível nas falas, a rede formada entre os produtores da cachaça de Rio Pomba - Família Moenda e Dorna (MP e DP), com a produtora de cachaça CP (Família Capelo).

3.2. Redes sociais e suas relações formais e, ou, informais

"... quem ficava no alambique sempre foi meu pai meu tio, meu avô, agora só o meu pai quem fica no alambique também (Família Moenda – MN);

... quando eu era menor era o Antenor (meeiro)... Era meeiro do meu avô... até morava lá dentro de casa com a gente (Família Moenda – MN);

"hoje tenho gasto muito alto para vender só a minha" (Família Dorna - DP).

Nos estudos de redes sociais, foi observada sua importância na formalidade e na informalidade. Ibarra *apud* Souza (2006) relata que os estudos organizacionais diferenciam rede formal e informal: a rede formal se compõe nas relações entre chefes e subordinados nas organizações; já na rede informal, os relacionamentos se baseiam nos interesses comuns das relações pessoais e profissionais, proporcionando aos indivíduos destas integrações das redes, maior possibilidade de construção de conhecimentos.

“... todos participavam do processo... a gente trabalhava tudo junto... alguns por fora que não quis fazer parte... uns 20 a 25 anos... na década de 80... de 70... todo mundo solteiro... todo trabalho de família grande era pouco... a gente fazia” (Família Tonel - TP) (Obs.: Família Tonel, sobre o início do alambique).

Entende-se, no entanto, a importância das relações constantes que se estabelecem por meio das redes sociais, onde os indivíduos podem construir sentimentos, contratos sociais e comerciais.

“O meu engenho foi tirado no PRONAF... valeu à pena... depois que pagar esse... o engenho era antigo... agora preciso trocar a camionete... o PRONAF é fora do comum, mas é muito pequeno... qualquer material é caro... consigo o material em Visconde de Rio Branco... agora preciso de uma máquina de cortar cana para quem tem área plana, pois sou muito dependente dos meus vizinhos...” (Família Dorna - DP).

Os conceitos de redes sociais são compreendidos nas ideias formuladas a partir do Século XX, tornando-se tema importante nas Ciências Sociais. Castells (1999), sociólogo, trouxe em seu livro “A sociedade em rede”, estudos sobre a informação, considerando aspectos sociais, culturais e econômicos em um mundo em transformação. Na Antropologia, o conceito de redes adquire uma concepção de processo, para se entender as interligações locais das ações dos indivíduos.

Durante a segunda metade do século XX, o conceito de rede social tornou-se central da teoria sociológica e deu asa a inúmeras discussões a existência de um novo paradigma nas ciências sociais. No decorrer da última década, a sociologia das redes sociais se constituiu como um domínio específico do conhecimento e institucionalizou-se progressivamente (Portugal, 2007:3).

“Acho que hoje a gente estava precisando um órgão que pudesse agrupar os fabricantes de cachaça. Colocar um produto na praça você tem que ter a capacidade de atender o cliente” (Família Dorna – DP);

“Os funcionários diminuiram...” (Família Dorna – DP).

Barnes (1987) conceitua rede social como um processo, sendo uma das atividades da Antropologia Social nas análises e na descrição que estão além dos grupos e das categorias formadas no meio social. Explica que a rede social auxilia na visualização da liderança e dos liderados do grupo ao qual pertence.

A noção de rede social está sendo desenvolvida na Antropologia Social tendo em vista a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transcendem os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo

fazem parte da rede social total tanto quanto aquelas que vinculam pessoas de grupos diferentes (Barnes, 1987).

Para Bott (1976), ao conceituar redes sociais, trouxe uma percepção do tema para analisar a “Família e rede social”, tendo como objetivo compreensão e a organização psicológica e social de algumas famílias urbanas. Segundo a autora, “Família” é entendida para o seu trabalho como “família elementar”, composta pelo marido, esposa e filhos.

Em prefácio escrito, sobre o livro da autora Bott por Gluckman (1970:14), pondera que ao trabalhar os dados coletados com as famílias pesquisadas, perceberam-se variações nos papéis dos casais, e estes papéis estavam relacionados ao meio social das famílias. O meio social apresentava diferentes relações, como rede, e estas redes eram como denominada por Bott “de malha estreita”, com seus vizinhos, parentes, amigos, companheiros de trabalho, conhecendo-se mutuamente. Outras famílias eram denominadas por redes de “malhas frouxas”, onde as pessoas conhecidas dos casais não se conheciam mutuamente - “quanto mais estreita era a malha de rede da família, mais segregados eram os papéis do marido e da esposa”. No entanto, os costumes por meio dos tabus, das crenças presentes em poderes ocultos, extrapolam as diferenças existentes entre gerações nas relações entre velhos e jovens, parentes maternos *versus* paternos, consanguíneos *versus* afins, entre outros.

“Irmão, esposa é cem por cento. Agora, tenho meus vizinhos que me ajuda muito... o que eles precisam de mim... Máquinas? Empréstimo, então durante as águas agora também todo mundo tem serviço e tem seu “sitiozinho” e na seca estou plantando cana... Na época das águas todos se ajudam... Plantando... Troca de favores o tempo todo... Minha casa funciona como uma prefeitura aqui em volta. E na seca eles me ajudam... Em volta, tudo que tem que resolver vem aqui...” (Família Dorna – DP).

No capítulo III do livro “Papéis conjugais e redes sociais”, Bott (1976) mostra variações que relacionam forma de rede social informal da família; ou seja, modos de relações sociais com (e entre) amigos, vizinhos e parentes. Esses padrões de relações sociais, de fato, entre a família e suas redes sociais, estão associados aos fatores, tais como: as classes sociais, a personalidade e outros fatores envolvidos nesta relação familiar. Ou seja, a autora utiliza o conceito de rede para uma análise processual dos relacionamentos entre indivíduos e suas interligações pessoais; e entre as organizações existentes em seus contextos.

“... tudo é produzido na fazenda, às vezes cana a gente colhe de vizinhos que tem um canavial, às vezes um vizinho oferece uma cana, trocas em produtos (a produção da cachaça ele acompanha)” (Família Moenda – MF);

“... Meu irmão Airtom é sócio trabalha junto comigo é técnico químico, deu até aulas aqui, mas nasceu para terra, e não

teve jeito. Minha esposa ela participa é praticamente o esteio da casa a maior dificultada no campo (Família Dorna - DP).

Ao considerar os conceitos e análises das redes sociais como fenômenos complexos e visualizando para além das estruturas, entendem-se nos comportamentos diferenciados dos indivíduos influências de vários atores, onde as influências podem ser adquiridas em momentos distintos de interrelações. Desta forma, o indivíduo pode ter adquirido tendências políticas antes de estar inserido no grupo atual de convívio, ou seja, as adquiriu em outras redes sociais.

Simmel (1950) *apud* Ferreira e Vitorino Filho (2010), importante pensador na sociologia estrutural, pondera que na vida social padronizada, nas relações existentes, por exemplo, entre três agentes, aquele que explorar melhor os conflitos, consegue ter maior influência. Reporta também, que nas redes sociais, é onde se encontram as oportunidades, as restrições e as interações, e estas influenciam os comportamentos dos indivíduos em suas normas culturais e nas ações subjetivas.

A nova Sociologia Econômica, segundo Fontella (2009), fortalece-se com os ensaios do autor Mark Granovetter. Essa corrente considera que, em determinada esfera mercantil, sua importância está nas ações e empreendimentos coletivos em: seus papéis sociais, suas normas, sanções encontradas nas instituições e nas tradições inseridas nos modelos econômicos, e nas interligações das redes sociais por meio de seus agentes sociais; ou seja, esta corrente sugere que a ação econômica das sociedades contemporâneas está inserida nas interrelações sociais, nas redes sociais dos indivíduos e grupos. Existem, para esse autor, três grupos que dividem a literatura atual da Sociologia Econômica e de mercados: a) redes sociais ou estruturalistas; b) institucionalistas; e a c) performática.

Por que fala muito da informalidade? As pessoas eram clandestinas... Sr. MP (Família Moenda) entrou na associação, o DP (Família Dorna) porque estavam sendo fiscalizado pelo conselho de química. A função seria para dar assistência... É uma máfia, quando pega ele para tudo... mas quando falavam que estavam em uma associação em JF, o pessoal não incomoda. (...) uns tempos atrás o povo não paga (...) você, registrada tudo direitinho! Tem que pagar um advogado para receber... e não recebe, você faz tudo no padrão (...) a informalidade tem que ser igual ao Sr. MP e ao Sr. DP (...) o DP ganha mais... Por quê? O que é uma cachaça de qualidade? Você coloca num alambique você tem um processo, tem que lavar antes de moer, não pode ter cachorro, ter galinha (...) (Família Capelo, CP).

Esta transcrição da fala da produtora CP (Família Capelo), pôde ilustrar os conflitos que ocorrem em grupos quando tem interesses comuns. Foi o que aconteceu com os produtores de cachaça que tentaram se organizar para uma Cooperativa dos produtores de cachaça da Zona da Mata. O que demonstrou a fala acima, também as citações das referências teóricas, foi um desentendimento quanto às vantagens e desvantagens de

uma legalização da produção junto aos órgãos certificadores. Ao final da conversa, a entrevistada estava muito frustrada com o resultado negativo, com o empenho e com a possibilidade de uma cooperativa não ter se concretizado.

Segundo os argumentos tratados pela CP, o que se pode considerar eram interesses individuais e subjetivos de cada produtor da cachaça, que não souberam dividir as responsabilidades, custos e se organizarem. Desta forma, não está de acordo com a literatura acima citada.

Em Granovetter (*apud* Fotenella, 2009), têm-se como unidade de trabalho as redes interpessoais onde discorre sobre laços fracos e laços fortes. Considera a relevância destes laços para a rede social e exemplifica que os laços fracos são os contatos próximos e familiares, estando integrado em vários meios. No entanto, os laços fortes se estabelecem nos contatos com amigos íntimos, parentes e estes conectados a várias outras pessoas. Destaca-se em seu trabalho, que as relações fracas (laços fracos) que se estabelecem nos diferentes grupos não ligados entre si, é onde se dá a ampliação das redes e as possibilidades de maiores informações, trocas de conhecimentos, de oportunidades (exemplo: emprego). “*Se alguém souber que comprei de outro eu perco ele... é na confiança...*” (Família Dorna – DP: fala a respeito da relação com os fregueses conquistados), pois nesta forma de interação se encontra maior número de pessoas sem o perigo da perda de confiança.

Vale salientar, que neste sub-capítulo, a maioria dos comentários da entrevistadora ficou somente nas transcrições das falas dos entrevistados, pois em cada teoria, havia uma fala que se adequava e explicava o que se estava tratando o parágrafo. Entendeu-se, portanto, que a entrevistadora, atuou somente como mediadora da discussão teórica e empírica da pesquisa, onde foram suficientes as ponderações das famílias produtoras de cachaça.

3.3. Redes sociais e informalidade na produção da cachaça

Para se entender redes sociais na produção da cachaça, vale utilizar o conceito de capital social descrito por (Marteletto,2004:44).

O capital social, por sua vez, é definido como as normas, valores, instituição e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Desta forma, são dependentes da interação entre pelo menos, dois indivíduos. Assim, fica evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, construído pelas suas redes de relações. A construção de redes sociais e a conseqüente aquisição de capital social estão condicionadas por fatores culturais, políticos e sociais.

A proposta da elaboração Rede Social (Figura 1), das famílias produtoras da cachaça envolvidas nesta pesquisa, ou seja, a Família Moenda (vermelha), a Família Dorna (verde), a Família Capelo (amarelo), a Família Tonel (azul), teve como objetivo o entendimento das interligações

sociais, econômicas e políticas. Políticas quando se percebe interesses coletivos e individuais nas transações dos sujeitos e estas existentes nas relações destes produtores, seja de família para família, como o caso das Famílias Dorna e Tonel, ou famílias e Instituições de interesses comuns, como o caso de todas que se interligam.

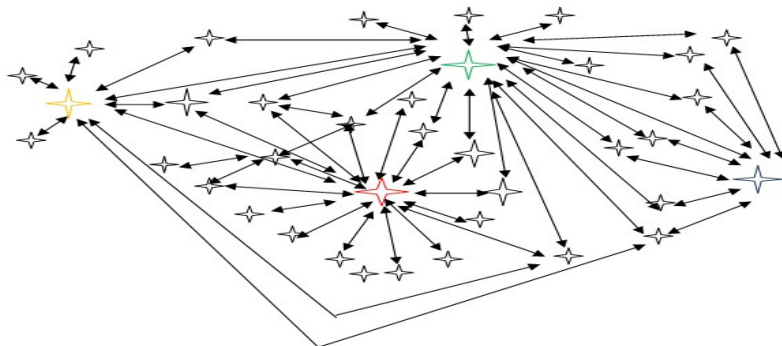


Figura 1 - Rede Social: famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba.

Na Figura 1, os sujeitos e instituições mencionados pelos entrevistados estão representados na forma de estrelas. As estrelas maiores, e não coloridas, são para significar as instituições mencionadas e de maiores importâncias para os sujeitos produtores da cachaça. São elas: A EMATER, O IMA e O Sindicato Rural de Rio Pomba. No entanto é importante sinalizar que constaram nesta rede, também, e não menos importantes, os outros sujeitos listados no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação das pessoas e instituições citadas por sujeitos entrevistados.

Entrevistado	Instituições citadas	Pessoas e espaços públicos citados
Família Moenda		
MP (proprietário agricultor)	EMATER, cooperativa, AMPAQ, Cooperativa de Ubá, Associação JF	Pais, avós, MF, ME, MN, CP, vizinhos, IE2, Engenheiro DNER, Canuto, fregueses, Contadora,
MF (filho agricultor)	EMATER, cooperativa, MAPA, grandes indústrias produtoras de cachaça	Vizinhos, IE2, CP, consumidor, comércio, o bar, produtores da microrregião, família da esposa, esposa, filho, feira livre e de artesanato.
MN (neta estudante universitária)	EMATER	Tio paterno (que não participou da entrevista), meeiro (morador antigo da fazenda), irmão, avô, filhos dos meeiros, empregados do meu pai, bisavô, meu pai, restaurante, os comerciantes, meu tio materno, professora da UFV, restaurante (da família).
ME (esposa, quem produz os doces caseiros)	EMATER	MP, MF, irmã, feira livre e de artesanato. Senhor DP, vizinhos, filhos,
Família Dorna		
DP (proprietário agricultor)	CEASA, cooperativa, incubadora da UFJF, MAPA, AMPAQ, IMA, EMATER / JF, EMATER /RP, PRONAF	Feira, tio avô, irmão 1, avô, pai, irmão 2, clientes, irmã ,CP, mercado, microrregião, funcionário, IE2, fabricantes de cachaça.
Família Tonel		
TP (ex-proprietário e agricultor)	IMA, EMATER/RP, Sindicato Rural de Rio Pomba.	Irmão 1, irmão 2, tio, avô, mãe, pai, irmã, esposa, DP.
Família Capelo		
CP (produtora de cachaça e sitiante)	EMATER, FD, Receita Federal, MAPA, UFJF, Associação dos produtores de cachaça de Juiz de Fora	Marido, filhos, químico, contadora, feira especializada, mercado, comércio, MP, MD. IE2

Para tanto, observar-se-á os exemplos de Minas Gerais. Neste Estado, a produção da cachaça se encontra entre os principais setores da agricultura. A maior demanda por cachaça de qualidade vem despertando agricultores e produtores, de renda familiar baixa, a necessidade e a vontade de incrementar sua produção. De acordo com Oliveira (2000):

No Estado de Minas Gerais, essa atividade representa um pedestal de nossa tradição, com produção de 200 milhões de L ano⁻¹. As várias regiões produtoras emprestam à cachaça um sabor especial. Produzida em mais de 8 mil alambiques, ocupa lugar de destaque entre as bebidas brasileiras e estrangeiras (Oliveira, 2000:34).

Segundo Lima e Wilkinson (2002), cinquenta e três por cento (53%) dos alambiques mineiros, estabelecimento onde se fabrica a cachaça, encontram-se ao norte do Estado: Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri e Rio Doce. Representa, assim, forte influência na economia local em comparação com as restrições socioeconômicas desta região. Podem-se citar dois artigos que exemplificam essa realidade: “Análise da Produção Familiar de Cachaça no Território Alto Rio Pardo – MG” (SILVA, 2010); e Indústria Rural, Agricultura Familiar e Desenvolvimento Local: O Caso da Produção de Cachaça Artesanal em Salinas – Minas Gerais (Oliveira *et al.*, 2005).

O que trata do Território do Alto Rio Pardo – considera que a produção da cachaça nos municípios desta região, embora sendo uma atividade tradicional, apresenta problemas na produção que garanta renda familiar, principalmente devido ao gargalo da comercialização. Para esse mesmo autor, ficam os produtores com renda inferior aos que fazem a travessia da cachaça; ou seja, aproveitam da falta de informações dos produtores da cachaça, ficando com a maior parte do valor gerado na cadeia produtiva.

Esse mesmo autor chegou à conclusão que, apesar de inúmeras dificuldades, a atividade produtiva da cachaça ainda se apresenta como uma das principais oportunidades de geração de renda aos agricultores deste local. Isso se deve ao fato de: a) apresentar reduzidas barreiras à entrada, dado ao baixo investimento inicial necessário ao estabelecimento da atividade; e b) à possibilidade de sua principal matéria-prima, a cana-seaçúcar, estar consorciada com outras culturas de subsistência. Os produtores podem conseguir melhores rendas com essa atividade, e isso é certamente possível, sendo necessária, contudo, uma parceria entre organizações públicas e privadas com o objetivo de melhores apoios aos produtores da cachaça.

“Antes a gente fazia sem técnica, “né”? O produto era excepcional, só que tinha muito prejuízo na produção, todo o tipo para colocar na fábrica, o jeito que a gente moía a cana tinha no engenho não extraía o tanto certo tinha todo o custo para colocar na fábrica ficava com o grau brix que vinha do campo, não conseguia hominizar (homogeneizar) a produção (...) Eu não tinha prejuízo... porque na época a mão-de-obra era mais barata e tinha os “irmão”... e para quem não tinha renda nenhuma, o que tinha já era nota 10... tem seis anos... está melhor no mercado... é bem satisfatório”. (Família Dorna – DP).

Sendo assim, verificam-se nos produtores de cachaça de Rio Pomba, satisfação e empenho na atividade escolhida e explorada. No entanto, vale ressaltar, que os exemplos apresentados não querem influenciar, no sentido de se achar que o ideal é o que se mostra na teoria. O objetivo de trazer esses exemplos é mera técnica didática. Com o intuito

de mostrar as diversidades e as possibilidades de grupos e as formas de informalidades existentes nestas redes produtivas.

No segundo artigo citado, a produção da cachaça em Salinas “revelou que no debate sobre desenvolvimento local, especificidades produtivas e geradoras de renda e ocupação são cada vez mais acumuladoras de importância econômica e social” (Oliveira *et al.*, 2005:3). Dentre os benefícios gerados na produção da cachaça para o município, houve a participação efetiva em torno de objetivos comuns, entre os agricultores familiares, para conseguirem outra forma de renda.

Isto se deu por meio da utilização de técnicas e pela importância dada à tradição no modo de produzir a cachaça, passada de geração em geração, desde o início do povoamento do município, no início dos anos de mil novecentos e quarenta (1940), consolidando a marca local e sendo reconhecida nacionalmente. Mesmo sendo a pecuária a principal atividade econômica do município de Salinas, a produção de cachaça vem conquistando espaço como alternativa de renda para um considerável grupo de agricultores familiares.

Os fatos até agora retratados nos apontam as diversas áreas de conhecimentos em que o tema cachaça está inserido: economia, com a produção e renda; direito dos produtores agrícolas; e na área social, na possibilidade de interação entre os grupos de produtores, comerciantes e consumidores.

No entanto, quando se depara com a realidade de iniciativas como a de se gestar uma associação ou uma cooperativa dos produtores da cachaça no município de Rio Pomba, percebe-se que não teve sucesso às investidas até o momento. Para tentar-se entender o que se passa quando se propõem uma atividade coletiva com esses produtores, ou seja, a família Moenda, a família Dorna e a família Tonel; inicialmente, tratar-se-á a seguir das especificidades de cada família observada pela pesquisadora.

Os moradores atuais da Fazenda Moenda são: o proprietário, a esposa, o filho mais velho, a nora, a neta e o neto. Mais duas famílias de funcionários que ajudam nas obrigações da terra e na casa.

É uma fazenda antiga, Século IX, de propriedade dos avôs do proprietário. A casa foi reconstruída no período da segunda geração de moradores, sendo a que existe atualmente. O conhecimento de todo o processo e a importância como fabricação familiar e tradicional é um fato que o produtor tem orgulho de relatar.

Compõe o espaço rural um curral, paiol, alambique e tonéis de madeira (sendo um do tempo dos avôs do proprietário) onde estão cômodos próprios para armazenamento e o envelhecimento da cachaça. É produzido o fumo, doces que são vendidos na feira em Juiz de Fora (cidade próxima a Rio Pomba e de maior população), e claro: a cachaça.

No dia da entrevista, pode-se perceber um carinhoso acolhimento de toda família. Estavam presentes o senhor MP, o filho, a neta, o neto e a filha da ajudante do lar. O encontro aconteceu na sala da fazenda, de pé alto e tábuas corridas. Uma sala não muito grande, mas aconchegante e arejada, pela ventilação da janela grande e aberta. O que chamou a

atenção foi o cuidado de todos com o filho e o empenho de todos os familiares em incluí-lo na conversa e participar do encontro, já que o mesmo apresenta problemas psicológicos.

As dificuldades relatadas pela família na produção da cachaça se resumem em: falta de incentivo do Governo; dificuldade de se participar na associação; diferenças de produção (entre os produtores do município); exigências para adequação para a produção; e o não companheirismo dos outros produtores.

Ao final da entrevista, percorreram-se todo o engenho. O senhor MP nos conduziu (a entrevistadora e MN) para visitar onde se produz e se estoca a cachaça, com direito a prova: mas como a entrevistadora não bebe, teve o prazer de sentir o aroma (sensorial) da cachaça - excelente. Pode-se perceber o orgulho da origem e do fazer rural nestas frases dos familiares:

"...O capelo lá de casa já passou por várias reformas... o alambique... mas o capelo foi do meu bisavô". (Família Moenda - MN);

"Quando eu era pequena não era só cachaça que fazia, né? Então teve movimento muito grande de cana lá em casa de fazer melado de fazer açúcar e da cachaça, nasci lá, até aos 7 anos morei lá... Depois que saí para estudar em Rio Pomba... pois a escola era muito fraca. Pra mim era até diversão, pois meu pai e meu tio ficavam no alambique... e lá meu tio brincava de boneca no alambique e meu tio brincava comigo... meu pai vai para o alambique e mostra a gente e como faz. E com meu irmão a mesma coisa. Desde que nasci meu pai leva a gente para o alambique e mostra como se faz..." (Família Moenda – MN);

"... o importante da cachaça é o sistema de fermentação... uma coisa diferente que é que usamos a da época do meu avô" (Família Moenda – MF);

"Antigamente o engenho era movido com cavalo... agora é com a roda d'água. De 52 para cá, meu pai passou de animais para a roda d'água... e a gente faz um pouquinho da cachaça... Recentemente veio a... a... EMATER... com a cooperativa" (Família Moenda – MP).

Desta forma, percebeu-se que os proprietários e produtores da cachaça, querem "manter" as formas de produção. Mesmo entendendo a importância das inovações, fazem do espaço rústico da fabricação da cachaça uma forma de marketing e manutenção do *status* rural. Estas observações se basearam nas falas e nos locais de fabricação e estocagem do produto cachaça. O que os entrevistados sinalizam como dificuldades, citadas acima, são também ações praticadas pela família.

A família Dorna e a família Tonel têm uma história comum, até o momento da separação e divisão da herança familiar. A história familiar foi relatada por DP, TP e TE, em dias e encontros individuais.

O senhor TP, disse saber do início da implantação do alambique da família. Tudo começou com a família da mãe materna, um tio materno e

depois outro tio, começaram a fazer cachaça nas terras da avó e fabricaram e comercializaram por bastante tempo. Com a morte de um dos tios, a avó materna continuou, com a ajuda de um dos tios na administração, fabricando a cachaça por mais uns 3 anos.

Com a morte da avó, tudo ficou parado, abandonado, pois havia que resolver a partilha. Resolvido essa questão, segundo TP, “*A gente na época lidava lá muito na casa da minha avó, lembro eu mais menino quando meu tio produzia, hoje não tem nada.*”. TP considerava a família da minha avó grande, com muitos filhos. No entanto, hoje quem está trabalhando na produção da cachaça são cinco (5) netos da família, sendo três (3) irmãos donos de um alambique, e dois (2) de outro.

Antes da produção da cachaça, a família trabalhava no plantio de hortaliças. O entrevistado tem orgulho em dizer que eram dezessete filhos: “era uma turma boa e todos trabalhavam junto, tipo uma sociedade”. Veio a cachaça e as duas atividades já não havia condição de manter, então optaram pela fabricação familiar da cachaça. Contou que foram devagar com a produção, pois o pai não era a favor de mudanças. Era produzido, no início, somente tachos de rapadura. Com muita “valentia” foram saindo de uma condição precária, que se encontrava a família, para uma condição melhor.

No início a produção era coletiva, todos produziam - tanto nas terras próprias da família, quanto nas terras herdadas da avó, antigo alambique:

“Para começar a fabricar a cachaça, eu era administrador, ninguém me questionava, ninguém teve reclamação de mim. A gente trabalhava assim se sobrasse dinheiro era de todos. Se não tivesse, todos faziam para todos, senão sobrasse não tinha para ninguém” (TP). O trabalho da fabricação era função de todos “onde precisasse a turma atuava, não tinha setor determinado”. Não tinha divisão de trabalho (...) “mas o dinheiro forte que pegava estava ali, ninguém vinha procurar dinheiro comigo não, deixava lá e não gostava que faltasse dinheiro prá eles não. Na horta o dinheiro que a gente ganhou era tudo de todos”. Neste momento houve uma intromissão de TE dizendo “Era assim no início”.(Família Tonel, TP)

Com o passar do tempo, houve a separação dos irmãos. Houve a morte de dois irmãos e outros cresceram e casaram, todos constituíram família e já não supria a necessidades de todos. E o TP não participa mais, só presta alguns serviços contratado pelos antigos sócios.

Em sequência, vale especificar os dizeres de (DP), um dos atuais produtores da cachaça e remanescente da família (TP).

O início da entrevista com o senhor DP, ele relatou a história da família como já descrita pelo senhor TP, irmão de DP. Segue o relato de sua experiência individual na produção da cachaça: segundo DP, com a divisão da herança da avó materna, seus pais ficaram com a parte do alambique e lá começaram a produzir a cachaça. Com o falecimento de seus pais, houve a separação da herança para os dezessete filhos e DP

ficou com a uma das partes que já havia pertencido a sua avó; ou seja, onde funcionou por geração a geração a produção da cachaça.

Com o tempo, e já casado, DP comprou partes das terras que pertenceram a seus irmãos e começou a produzir, distribuir e comercializar sua cachaça, separado dos outros irmãos, já tinha um tempo de experiência.

(...) quinze anos de trabalho e sozinho seis anos...eu nasci num alambique, via o pessoal trabalhando ali, então quer dizer que desde novinho... cinco, seis anos... desde "novim", atuar mesmo não, atuar mesmo deve ter uns vinte anos..."
(Família Dorna, DP).

Percebe-se o orgulho de DP ao contar suas conquistas. Primeiro trabalhou com compra e venda de verduras, *"hortigranjeiros lá no meu pai... comprava no meu pai e vendia na cidade nas quitandas e fui juntando dinheiro e comparando a minha vontade era fixar aqui"* (DP). Com o empenho comprou as partes das terras dos outros herdeiros e lotes na cidade e diz *"a cachaça é quem mantém funcionário – mantém tudo funcionando - a principal, sem ela eu posso mudar, sem ela eu posso ir embora consegui baixar bem o custo e eu domínio a área"* (DP).

De personalidade forte e centralizador nas atitudes. Essa observação se fez presente quando ao dizer suas conquistas, seu corpo se elevou e a voz encorpou; também, quando foi realizada a entrevista com sua esposa - não saiu de perto, como se precisasse saber o que ela iria dizer. No entanto, ressentia-se pelo filho, que não quer continuar o seu trabalho, mas fazer medicina em Juiz de Fora.

A fazenda, segundo o entrevistado, mantém-se auto-sustentável: produz milho, feijão, leite, mas somente para a subsistência da família. O produto principal da renda familiar é a produção da cachaça. Como parceiros de trabalho diretos seu irmão e sua esposa. Sem grandes motivações para a continuidade de herdeiros para a continuidade de seu trabalho, DP se pronuncia da seguinte forma:

Hoje estou aplicando em imóveis na cidade, tenho certeza que meus filhos não vão, então não adianta... meu sócio com quase sessenta anos e solteiro, ninguém tem capacidade para tocar roça hoje, os poucos que tem você pode contar nos dedos. Deve estar andando aí e vendo que todos estão andando de arrasto... o custo é muito alto! (Família Dorna - DP).

Quando se refere à esposa, fortalece-a ao dizer: *"a principal - sem ela eu posso mudar, sem ela eu posso ir embora"* (DP). No entanto, diz ser difícil participar de feiras livres e, ou, especializadas para a venda e *marketing* da cachaça. Segundo o entrevistado, tal argumento é *"questão de lógica"*. Para participar de feiras teria de fazer investimentos altos e não possui renda para tal. Considera que a produção da cachaça tem que manter economicamente sua família e quer crescer aos poucos.

Assim, descreveu-se o perfil das famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba.

4. CONSIDERAÇÕES

No Norte do Estado de Minas Gerais, como exemplo, tem-se observado processos na produção da cachaça onde os produtores estão se mobilizando e se organizando no sentido de alcançarem adequação nas necessidades do mercado, nas formas de melhor e maior produção e geração de renda. Envolvidas neste processo da produção da cachaça, estão às famílias produtoras, os parceiros comerciais e os cursos de formação de tecnólogos em produção da Cachaça, ofertado no Instituto Federal Norte de Minas. Assim, percebem-se as interligações existentes nesta forma de atividade agrícola e no processo da elaboração da cachaça.

A realidade na produção da cachaça e interligações dos indivíduos e Instituições do Território do Rio Pardo, composto pelos municípios Berizal, Montezuma, Ninheira, Novorizonte, Rubelita, Salinas, São João do Paraíso, Taiobeiras, Vargem Grande do Rio Pardo, Curral de Dentro, Fruta de Leite, Indaiabira, Rio Pardo de Minas, Santa Cruz de Salinas e Santo Antônio do Retiro. Mais especificamente os produtores do Município de Salinas, sinalizam a importância dos debates sobre desenvolvimento local, o conhecimento sobre a realidade específica de cada município em suas produções e tradições e as geradoras de renda e ocupação podem trazer valores agregados para a vida econômica e social. Dentre os benefícios gerados na produção da cachaça para o município, houve a participação efetiva em torno de objetivos comuns entre os produtores familiares, para obterem outra forma de renda, conhecimento e auto-estima para os sujeitos destas localidades.

Vê-se que a utilização de técnicas e a importância dada à tradição no modo de produzir a cachaça, passada de geração em geração, desde o início do povoamento do município em 1940, que se consolidou a marca local e passou a ser reconhecida nacionalmente, como foi o “caso” de Salinas. Mesmo sendo a pecuária a principal atividade econômica do município, a produção de cachaça vem conquistando espaço como alternativa de renda para um considerável grupo de agricultores familiares.

No entanto, ficam evidentes nos livros, artigos científicos e nas pesquisas nos *sites* especializados sobre o tema proposto pesquisado, a relevância de políticas públicas e a geração de novas técnicas incentivadoras na produção agrícola, as quais possibilitarão suporte à agricultura familiar na possibilidade da produção da cachaça.

Isso porque os problemas relacionados à produção da cachaça se encontram na necessidade do desenvolvimento de um projeto, que incentive ao estudo da viabilidade econômica, técnica e financeira na produção da cachaça; capacidade gerencial dos produtores familiares envolvidos na fabricação, como no preparo do solo, no plantio da cana, no uso dos agrotóxicos; nas etapas da produção da cachaça, como na

moagem, na fermentação, na destilação, no armazenamento, na comercialização e no consumo.

Desta forma, há de ser dada uma atenção especial à informalidade ao modo familiar da produção da cachaça, às suas técnicas utilizadas e às suas histórias da fabricação deste produto e as interligações que são construídas nas relações de parentescos ou não para o sucesso deste tipo de produção.

A importância do processo da produção da cachaça mostra que atualmente este produto vem desenvolvendo novos padrões de qualidade e produtividade. No entanto, sugere-se que ao dominar a produção desta bebida, há de se remeter a um longo caminho de aprendizagem e conhecimentos, passados de geração em geração para a produção da cachaça de boa qualidade e visando o atendimento aos padrões internacionais. Sendo assim, vê-se a necessidade da interferência da pesquisa e da extensão, para que melhor se entendam as interposições por meio da legalização, das trocas de conhecimentos, da forma da produção, dos modelos de comercialização, das maneiras de consumo, dentre outras.

Percebe-se que a importância na forma em que se articulam e se cooperam na produção de cachaça, poderá trazer a possibilidade de explorarem recursos motivados por bons preços praticados no mercado. Supõe-se que a produção da cachaça poderá estimular novos produtores na região e melhorar a vida dos produtores atuais via geração de emprego e renda. Deve-se considerar que a realidade brasileira mostra que os produtores auferem renda inferior aos que fazem a travessia da cachaça, principalmente por falta de informação sobre o mercado interno e externo, as condições de incentivos do Estado e a força da possibilidade das redes criadas desta forma de produção agrícola.

No entanto, o que se observou quanto aos produtores familiares da cachaça do Município de Rio Pomba é a presença da informalidade no que se refere à produção - não há contratos ou divisões de trabalhos, mas sim uma parceria entre familiares e vizinhos. Pode-se considerar informalidade em outros parâmetros, quando a informalidade é baseada na concepção do princípio da reciprocidade.

Apesar da existência de rede social, por meio dos contatos próximos e distantes dos atores entrevistados, pôde-se observar que são desarticulados e se voltam exclusivamente para as suas produções, distribuições e ampliação de mercados consumidores. Não percebem a importância das parcerias com outros produtores, apesar de todos entenderem que é uma excelente oportunidade de geração de renda. Desta forma, mantém a tradição e a informalidade na produção e comercialização da cachaça.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBACHE, Jorge Saba. **Pobreza e Mercados no Brasil**. Comissão Econômica Para a América Latina e o Caribe – CEPAL. Brasília: Documento Elaborado no âmbito do Convênio CEPAL/DFID. LC/BRS/R.135. Mar. 2003. Disponível em: www.eclac.org/publicaciones. Acesso em: 08 out. 2011.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 320p.

CALIARI, Márcio *et al.* Diagnóstico da Produção de Cachaça na Região de Orizona, Estado de Goiás, Brasil. Goiânia: **Pesquisa Agropecuária Tropical**, v.39, n.1, p.61-71, 2009.

CAMPELO, E. A. P. Agronegócio da cachaça de alambique de Minas Gerais: panorama econômico e social. **Revista Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.23, n.217, p.7-18, 2002.

Carneiro e Henley citado por: ARBACHE, Jorge Saba. **Pobreza e Mercados no Brasil**. Comissão Econômica Para a América Latina e o Caribe – CEPAL. Brasília: Documento Elaborado no âmbito do Convênio CEPAL/DFID. LC/BRS/R.135. Mar. 2003. Disponível em: www.eclac.org/publicaciones. Acesso em: 08 out. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA, Manuela Ivone P. Formalidade e Informalidade: Questões e Perspectivas. **Etnográfica**. [online]. vol.10, n.2 [citado 01 Novembro 2011], p.219-231, 2006. Disponível em: www.scielo.oces.mctes.pt/scielo. Acesso em: 11 out. 2011.

FERREIRA, Toniel; VITORINO FILHO, Valdir A. Teoria de redes: uma abordagem social. **Revista Conteúdo**, v.3, n.3, p.3, 2010.

FONTELLA, Odil Matheus. **Sociologia econômica: épocas e eventos (quadros estéticos, 1887-2009)**. [online]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. 2009. Disponível em: www.ufrgs.br/sociologia.de.economia. Acesso em: 15 dez. 2011.

KAPLAN, Abraham. **A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. Tradução HEGENBERG, L; MOTA, O. S. São Paulo, E.P.U: USP, 1975.

LELIS, Juliana L. **Territórios da Informalidade**: as diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa-MG. Viçosa, MG: UFV. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - UFV, 2011, 214p.

LIMA, Dalmo de Albuquerque; WILKINSON, John (Org.) **Inovações nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: CNPq/Paralelo 15, 2002.

MARTELETO, R. M.; SILVA, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, p.41-49, 2004.

MARTINELLI, D. P.; SPERS, E. E.; COSTA, A. F. Ypióca - introduzindo uma bebida genuinamente brasileira no mercado global. In: CONGRESSO ANUAL DO PENSA (PROGRAMA DE ESTUDOS DOS NEGÓCIOS DE SISTEMA INDUSTRIAL), v.10, 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2000.

MINAYO, Maria C. S. **O Desafio da Pesquisa Social**. In: DESLANDES, Suely F. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 25^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, revista e atualizada. Petrópolis, RJ, 2007.

NORONHA, Eduardo G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.53, 2003. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci. Acesso em: 25 out. 2011.

CONSELHO ESTADUAL DE POLÍTICA AGRÍCOLA – CEPA / Câmara Técnica de Cachaça de Alambique. **Plano Setorial da Cachaça de Alambique (2008)**. Disponível em: www.conselhos.mg.gov.br. Acesso em: 02 out. 2011.

OLIVEIRA, C. R.; GARÍGLIO, H. A. A.; RIBEIRO, M. M. **Cachaça de alambique**: manual de boas práticas ambientais e de produção. Belo Horizonte: SEMAD; FEAM, 2005. 72p.: il.

PORTUGAL, S. **Contributos para uma discussão do conceito de redes na teoria sociológica**. Oficina do CEAS, n^o 271, p. 01-35, março, 2007.

ROMANO, Jorge; DELGADO, Nelson. **Os planos municipais de desenvolvimento rural como processos sociais**. In: Mundo rural e cultura. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Estudos de Mercado SEBRAE/ESPM. **Cachaça Artesanal**. Série Mercado. 42p. Disponível em: www.biblioteca.sebrae.com.br Acesso em: 25 set. 2011.

SILVA, José Martins **Cachaça**: o mais brasileiro dos prazeres. 2^o ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008. 202p.

SILVA, Sandro Pereira. Análise da Produção Familiar de Cachaça no Território Alto Rio Pardo – MG. In: **Anais...** 48^o Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia. 2010.

Simmel citado por: FERREIRA, Toniel; VITORINO FILHO, Valdir A. Teoria de redes: uma abordagem social. **Revista Conteúdo**, v.3, n.3, p.3, 2010.

SOUZA, D. **Constelações de Desenvolvedores**: a influência dos fenômenos mentoria e Rede de relacionamentos nos executivos do Rapidão Cometa. In: II CBPOT, 2006.

WANDERLEY, Fernanda. Avanços e Desafios da Nova Sociologia Econômica. **Soc. Estado**, v.17, n.1, Brasília, 2002. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 19 nov. 2011.

VILELA, E. F. Depoimentos. **Jornal “O Tempo”**, Belo Horizonte, 4 dez. 2003. Caderno de Agronegócios. p.F12.

Trabalho recebido em 30 de abril de 2012;

Trabalho aprovado em 02 de julho de 2012;

